

Desafios contemporâneos da educação empreendedora: novas práticas pedagógicas e novos papéis de alunos e docentes*

Contemporary challenges of entrepreneurial education: new pedagogical practices and new roles of students and teachers

Ricardo Schaefer

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Faculdade Antonio Meneghetti – AMF

coordfoil@faculdadeam.edu.br

Italo Fernando Minello

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

minelloif@gmail.com

Resumo:

O interesse pela educação empreendedora cresceu significativamente nos últimos anos, estimulando estudos sobre novas abordagens práticas e teóricas, bem como novos métodos adequados à formação empreendedora. O objetivo desta pesquisa foi investigar a natureza e especificidades da educação empreendedora, os novos papéis assumidos pelos alunos e docentes, e novas metodologias ativas de ensino-aprendizagem adotadas. Como metodologia foi utilizada uma abordagem qualitativa, do tipo exploratória, com base em pesquisa teórico-empírica, realizada em dois momentos. O primeiro com uma pesquisa informal realizada com 170 alunos de graduação de uma instituição de ensino superior a fim de identificar os docentes que, na visão dos alunos, realizam atividades singulares e inovadoras. A partir desse levantamento se procedeu ao segundo momento, utilizando como unidades de análise os 12 docentes mais citados, que participaram de entrevistas semiestruturadas relacionadas à atividade docente e à educação empreendedora. Após a coleta dos dados, o instrumento de análise adotado foi a análise de conteúdo, categorial e de enunciação, que resultou em seis categorias: Natureza da educação empreendedora; O papel e função do professor; Novas metodologias e práticas pedagógicas; Educação centrada no aluno; Empreender como forma de ser, saber e fazer; e Resultados da educação empreendedora.

Palavras-chave: educação empreendedora; práticas pedagógicas; papel docente; papel do aluno.

Abstract:

Interest in entrepreneurship education has grown significantly in recent years, stimulating studies about new practical and theoretical approaches, as well as new methods suitable for entrepreneurial training. The objective of this research was to investigate the nature and specificities of entrepreneurship education, the new roles assumed by students and teachers, and what active teaching-learning methodologies can be adopted. The methodology used was a qualitative, exploratory-type approach, based on theoretical-empirical research, carried out in two moments. First an informal survey which 170 undergraduates in order to identify teachers who perform unique and innovative activities. From this survey the 12 teachers most

* Recebido em 25 de Agosto de 2019, aprovado em 15 de Maio de 2020, publicado em 05 de Janeiro de 2021.

cited were used as units of analysis, participating of semi-structured interviews. After the data collection, the instrument of analysis adopted was the analysis content, categorical and of enunciation, which resulted in six categories: Nature of entrepreneurial education; The role and function of the teacher; New methodologies and pedagogical practices; Student-centered education; To entrepreneur as a way of being, knowing and doing; and Results of entrepreneurial education.

Keywords: entrepreneurial education; pedagogical practices; teaching role; role of the student.

1. Introdução

O interesse pela educação empreendedora cresceu significativamente nos últimos anos, estimulando estudos sobre novas abordagens práticas e teóricas, bem como novos métodos adequados à formação empreendedora. Nas últimas décadas, pesquisas sobre empreendedorismo avançaram em termos de visibilidade e importância, porém o tema da educação empreendedora ainda carece de uma discussão mais sólida, que auxilie no seu amadurecimento, norteamento e disseminação de forma mais eficaz (Rocha & Freitas, 2014; Schaefer & Minello, 2017).

A efetividade de tal educação está diretamente relacionada ao uso apropriado de metodologias ativas de ensino-aprendizagem capazes de formar os alunos com conhecimentos e habilidades necessários à atividade empreendedora (Silva & Pena, 2017; Araújo & Davel, 2019). Filion e Lima (2010) destacam que o sujeito empreendedor deve ser preparado para a ação e que suas características e necessidades de formação exigem particularidades no sistema de ensino voltado à ação empreendedora (Filion & Lima, 2010; Schaefer & Minello, 2019).

O estudo *Global University Entrepreneurial Spirit Student Survey* (GUESSS) realizado no Brasil traçou o histórico da formação empreendedora nas instituições de ensino superior brasileiras. Desde 1981, quando houve a oferta da primeira disciplina, até hoje, a demanda e a oferta de educação empreendedora cresceram. Porém, existem ainda grandes desafios para que a qualidade desse ensino seja aumentada e os resultados em termos de formação sejam de fato alcançados (Lima et. al., 2014b). O estudo aponta que os cinco grandes desafios da educação empreendedora no Brasil são: a) aumentar a oferta de cursos, disciplinas e atividades de educação empreendedora; b) treinar mais professores em educação empreendedora; c) promover maior proximidade e contato com os empreendedores e sua realidade; d) dar mais foco à prática; e) diversificar a oferta de cursos e atividades de educação empreendedora para além do plano de negócios (Lima et. al., 2015a, p. 1038-1039).

Além disso, as novas propostas pedagógicas para a educação empreendedora no ensino superior estão se voltando não apenas aos alunos que têm a intenção de abrir a própria empresa como empreendedores individuais, mas a todos os futuros profissionais, de diferentes cursos e áreas, que desempenhem suas atividades e profissões com valores, mentalidade e comportamento empreendedores (Schaefer & Minello, 2017). Lima et. al. (2015b) destacam que mesmo que o aluno não queira ter um negócio próprio pode se beneficiar em sua formação com o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades propícias à ação empreendedora. “A premissa de que a educação não é apenas geradora de aprendizagem para se empreender, mas, sobretudo, para o pensamento criativo, a geração de inovações e o crescimento do senso de autoestima e de responsabilidade faz com que seja vista como ainda mais necessária nas instituições de ensino superior” (Lima et. al., 2015b, p.421).

Diante desses desafios e da evolução dos estudos sobre educação empreendedora, esta pesquisa tem o objetivo de investigar a natureza e especificidades da educação empreendedora, os novos papéis e funções assumidos pelos alunos e docentes, e quais

metodologias ativas de ensino-aprendizagem podem ser adotadas a fim de se desenvolverem competências transversais relacionadas à ação empreendedora.

2. Fundamentação teórica

A educação empreendedora vem sendo objeto de investigação de diversos pesquisadores na medida em que desempenha um papel prioritário na criação e disseminação da cultura empreendedora na sociedade atual (Nabi, et. al. 2018). A partir dela, a atividade empreendedora se potencializa, mostrando-se vital para a economia de um país, visto que por meio dela se instruem e preparam indivíduos com conhecimentos e habilidades necessários para perceberem obstáculos como oportunidades, aproveitando as situações e o contexto para criarem empreendimentos e gerarem, com consequência, desenvolvimento econômico e social (Silva & Pena, 2017; Duarte, Debona & Perini, 2018).

A formação empreendedora, porém, deve seguir uma metodologia e proposta pedagógica próprias, diferentes das utilizadas no ensino tradicional (Schaefer & Minello, 2017). Dolabela e Fillion (2013) defendem uma mudança radical em relação aos métodos tradicionais de ensino, que ainda tendem a se concentrarem na transferência de conhecimentos, passando a uma aprendizagem centrada no aluno capaz de pensar e agir de modo independente e proativo.

Henrique e Cunha (2008) também consideram que educação empreendedora não deve ser feita como nas demais disciplinas, de modo tradicional, devendo levar os alunos a estruturarem contextos e compreenderem as várias etapas da sua evolução. A formação empreendedora deve ainda concentrar-se mais no desenvolvimento do conhecimento e conceito de si e na aquisição de um saber fazer, muito além do que na simples transmissão de conhecimento. Dolabela e Fillion (2013) acrescentam que essa nova proposta de educação deve estimular e desenvolver a confiança e a autoestima, buscando mergulhar o aluno em um sistema de ensino e aprendizagem onde haja uma relação coerente e próxima entre ele mesmo e a sua realidade circunstante.

Mendes (2011) defende também que o empreendedorismo deveria ser tratado não como uma disciplina autônoma, como é verificado em grande partes das instituições de ensino, mas integrada com as demais disciplinas, uma vez que existem diversas questões inerentes a outros campos de investigação que se entrelaçam no seu estudo. A universidade, portanto, ao se dispor a apostar na formação empreendedora, deve fazê-la de forma integrada, interdisciplinar, harmonizada e transversal. Guerra e Grazzotin (2010) também enfatizam que o empreendedorismo não deve ser discutido apenas em disciplinas isoladas, e tanto menos entre as quatro paredes da sala de aula. As autoras sustentam que a formação empreendedora deve ser vivenciada com intensidade por todos os envolvidos com o processo, em todas as direções. O professor deve levar para a sala de aula a temática de modo integrado às outras disciplinas, à instituição e à comunidade. “Cabe a todos os professores a responsabilidade de fazer com que os alunos sejam estimulados a pensar e agir com uma mentalidade empreendedora. A sala de aula, cada vez mais, tem de se transformar em laboratório de conhecimento. O assunto empreendedorismo deve ser tratado em todos os cursos e em todos os níveis” (Guerra & Grazzotin, 2010, p. 83).

Nessa proposta, o professor adquire novas funções, passando a atuar mais como um mediador e catalisador do processo de aprendizagem. Também o aluno assume um novo papel, enquanto responsável pelo próprio aprendizado e desenvolvimento, motivado pelos próprios desejos e anseios que dizem respeito à sua pessoa e ao seu contexto. Desenvolve-se assim uma relação dialética e dialógica entre professor e aluno durante o processo de aprendizagem, cujos perfis, modelos de pensamento e de ação se influenciam reciprocamente (Schaefer & Minello, 2016, 2017).

Essa transformação é possível, visto que essa nova abordagem é voltada não apenas ao alunos que têm a intenção de abrir as próprias empresas como empreendedores individuais, mas a todos os futuros profissionais, de diferentes áreas, que desempenhem suas atividades e profissões – de modo individual ou dentro de organizações – com valores, atitudes e comportamentos empreendedores (Lima et. al., 2015b).

O Relatório do Estudo GUESSS Brasil evidencia ainda que se mostra atrativo e promissor que os estudantes se empenhem em ampliar a visão de possibilidades de carreiras, como por exemplo ser criador de um negócio (com vista a lucro ou fins sociais), ou empreendedor em uma profissão autônoma ou liberal, ou ainda ser um intraempreendedor ou empreendedor corporativo, atuando como um colaborador inovador e de iniciativa em uma organização pública ou privada. Isso ajudaria as instituições de ensino a cumprirem melhor seu papel e os estudantes a serem motores mais ativos do avanço social e econômico (Lima et. al., 2014b).

Para alcançar estes objetivos são necessárias novas metodologias de ensino e aprendizagem que permitam “aprender fazendo”, a fim de que o aluno se depare com situações, desafios e dificuldades que o estimulem a refletir e pensar de modo diferente, buscando alternativas e soluções, e aprendendo com a experiência. A educação empreendedora, então, reúne propostas de ensino e aprendizagem orientadas à ação, como a aprendizagem experiencial, a aprendizagem pela ação, a aprendizagem contextual, a aprendizagem centrada em problemas, a aprendizagem cooperativa, entre outras (Schaefer & Minello, 2016; Silva & Pena, 2017; Araújo & Davel, 2019).

A formação empreendedora, sendo assim fomentada e desenvolvida nas várias dimensões da universidade, conduz ao conceito de “universidade empreendedora”. Guarany (2010) descreve que essa proposta de universidade tem como escopo, além do ensino, da pesquisa e da extensão, o desenvolvimento econômico, formando empreendedores para dinamizar o contexto social e econômico. A autora acrescenta que a universidade empreendedora também incentiva seus estudantes das mais variadas áreas a desenvolverem competências empreendedoras. Essa formação empreendedora é articulada e abrangente, oferecida como uma segunda área de desenvolvimento de competências, e articulada em diferentes frentes e projetos: incubadoras de empresas, parques tecnológicos, núcleos de propriedade intelectual articulados com grupos de pesquisa e laboratórios, empresas juniores, eventos de empreendedorismo, ações de disseminação da cultura empreendedora e apoio a empreendimentos sociais e econômicos em comunidades, entre outros. Pode-se, portanto, “considerar a universidade empreendedora um novo tipo de universidade, já existente em outros países, porém despontando como alternativa mais adequada às necessidades de formação de recursos humanos e de desenvolvimento econômico brasileiro” (Guarany, 2010, p. 105).

Apresentadas as especificidades da educação empreendedora e oportunidades para a formação do indivíduo empreendedor, passe-se a seguir aos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

3. Procedimentos metodológicos

Para a realização deste trabalho adotou-se uma abordagem qualitativa, do tipo exploratória, com base em pesquisa teórico-empírica. Os procedimentos metodológicos foram realizados em dois momentos. No primeiro, foi realizada uma pesquisa informal (Triviños, 2008) com alunos de uma instituição de ensino superior (IES) privada do Rio Grande do Sul, a fim de identificar os docentes que, na visão dos alunos, realizam atividades singulares, inovadoras e de formação empreendedora. A pesquisa informal buscou identificar quem são os docentes que as adotam, o que fazem e os resultados alcançados. A partir desse

levantamento informal se procedeu ao segundo momento, utilizando como unidades de análise os docentes mais citados pelos discentes. O instrumento de coleta de dados utilizado nesta etapa foram entrevistas semiestruturadas (Minayo, 2018). Após a coleta dos dados, o instrumento de análise adotado foi a análise de conteúdo categorial e de enunciação (Bardin, 2011), com definição de categorias não a priori.

Os sujeitos da pesquisa informal foram alunos de graduação da IES investigada. Estipulou-se como meta entrevistar no mínimo 40% dos alunos de cada um dos três cursos existentes (Administração, Direito e Sistemas de Informação), conforme foram encontrados circulando pela instituição, seja nos intervalos das aulas, corredores e cafeteria. Dos 427 alunos de graduação da IES, 249 participaram da coleta informal, sendo 94 alunos do curso de Administração (68% dos alunos do curso), 45 de Sistemas de Informação (61% dos alunos) e 110 do Direito (50% dos alunos).

A partir da análise dos dados levantados pela pesquisa informal, foram verificados os quatro docentes mais citados de cada um dos três cursos e os mesmos foram convidados a participar das entrevistas, que foram realizadas no primeiro semestre de 2017. Dos 52 docentes dos três cursos de graduação, 12 professores participaram das entrevistas, cujo perfil é apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Características da amostra

Categoria	Variável	Frequência		Categoria	Variável	Frequência	
		Absoluta	%			Absoluta	%
Gênero	Masculino	8	66,67	Formação empreendedora	Sim	10	83,33
	Feminino	4	33,33		Não	2	16,67
Estado Civil	Casado	4	33,33	Experiência empreendedora	Sim	12	100,0
	Solteiro	8	66,67		Não	0	0,00
Idade	Mín.	30	Máx.	44	Média	35,5	

Fonte: Autores

As entrevistas que abordaram a história de vida, a trajetória profissional e diferentes aspectos da educação empreendedora, como a sua visão sobre a docência, as metodologias e práticas pedagógicas adotadas, o papel do aluno no processo de ensino-aprendizagem, e os resultados que têm obtido com os alunos e enquanto professor. As entrevistas foram gravadas e transcritas e os dados coletados foram analisados com a técnica da análise de conteúdo (Bardin, 2011). Para a definição das categorias não a priori utilizou-se a técnica de enunciação, resultando em seis categorias de análise, especificadas a seguir.

4. Análise dos resultados

A análise de conteúdo das entrevistas com os docentes resultaram em seis categorias, descritas a seguir e ilustradas com trechos de relatos dos professores entrevistados, identificados com a letra E seguida do número da entrevista.

4.1 Natureza da educação empreendedora

Um dos conteúdos mais recorrentes nos relatos dos professores foram as características e especificidades da educação empreendedora, que a distinguem dos modelos tradicionais geralmente adotados no ensino superior. A formação universitária tradicional

transfere saberes, sobretudo o “saber fazer”, enquanto que a proposta da formação empreendedora é buscar desenvolver o “saber ser”, o “saber tornar-se”, o “saber passar à ação” (Filion & Lima, 2010). Para tanto, são necessárias metodologias ativas de ensino-aprendizagem que permitam “aprender fazendo”, a fim de que o aluno se depare com situações, desafios e dificuldades que o estimulem a refletir e pensar de modo diferente, buscando alternativas e soluções, e aprendendo com a experiência. A educação empreendedora, então, reúne propostas de ensino-aprendizagem orientadas à ação, como a aprendizagem experiencial, a aprendizagem pela ação, a aprendizagem contextual, a aprendizagem centrada em problemas, a aprendizagem cooperativa, entre outras (Lopes, 2010; Silva & Pena, 2017; Araújo & Davel, 2019), como ilustra o trecho a seguir.

“No Curso de Direito, por exemplo, já organizamos viagens de visitas técnicas para São Paulo, Porto Alegre e Florianópolis. E já fizemos encenações teatrais para toda a faculdade com clássicos da literatura, como Otelo de Shakespeare, seguido de um júri simulado com os personagens da peça. Nesses dois tipos de projetos, os alunos organizam tudo, do planejamento e logística ao levantamento de recursos financeiros.” (E10)

Nessas propostas existe o aspecto da aplicabilidade prática do conhecimento e da conexão entre o processo de ensino-aprendizagem e o mundo real. A educação empreendedora procura reforçar os vínculos do aluno com o mercado de trabalho, com a sua comunidade, com profissionais e todos aqueles que possam ser fontes de informação, auxílio e recursos para as atividades que são realizadas e competências que estão sendo transversalmente desenvolvidas (Lopes, 2010; Lima et. al., 2015a).

“Eu sempre tento mostrar situações e a diferença que faz saber aquele conhecimento que está sendo trabalhado, tentando trazer a prática para ilustrar a importância de se aprender determinado assunto, ou com a minha experiência própria da empresa, ou através de situações que ocorreram com colegas profissionais. (...) Quando trazemos um exemplo mais próximo, da própria atividade profissional real, da própria empresa, o interesse do aluno é maior.” (E7)

Outra característica da natureza da educação empreendedora identificada nos relatos dos professores investigados é a sua proposta de formação integrada, transversal e interdisciplinar. Estudos que buscam diretrizes para a educação empreendedora apontam que ela deve explorar a interdisciplinaridade, a transversalidade e a diversidade inerentes ao ambiente universitário, ao ecossistema do mercado de trabalho e ao ambiente de negócios local (Lima et. al., 2014a). Desse modo, o empreendedorismo não deve ser tratado como uma disciplina autônoma, como se verifica em grande parte das instituições de ensino superior, mas integrado e transversal em várias disciplinas e cursos, uma vez que os conteúdos de outros campos de investigação se entrelaçam.

“Um professor que dá aula sobre fungos, por exemplo. Nós estudamos os fungos na escola, em biologia, talvez um pouco na física, enfim, mas nunca vemos o lado da economia, por exemplo. Imagine se os fungos não existissem, quantos queijos não existiriam, ou seja, é fazer com que o aluno veja que aquele assunto é interdisciplinar não porque o professor está fazendo parecer, mas porque o mundo é interdisciplinar.” (E6)

4.2 O papel e função do professor

Ao lado da incorporação do empreendedorismo na educação e treinamento, o desenvolvimento curricular, e o engajamento com o setor privado, o desenvolvimento do professor é considerado uma das áreas-chave para uma educação empreendedora (Lima et. al., 2015a). Os professores passam assim a desempenhar o papel de catalisadores e facilitadores, a fim de possibilitarem que os alunos aprendam um novo modo de pensar e de agir. Em vez da tradicional transferência de conteúdos, o professor passa a estimular o aluno a “aprender a aprender” (Dolabela & Filion, 2013). O trecho a seguir exemplifica essa visão.

“Cabe ao professor facilitar o processo. O que é o facilitar o processo para mim? É dar o caminho das pedras, ou às vezes tirar as pedras também. Mas propiciar para que o aluno percorra o caminho por ele próprio. (...) O papel do professor é facilitar, jamais jogar conteúdo, dar conteúdo. Porque o aluno perde o interesse, o professor perde o interesse, e o processo não fecha bem.” (E1)

Outra característica da educação empreendedora é ser uma ação dialógica, na qual há uma transformação constante dos envolvidos. Desse modo, o planejamento, a execução e os resultados das atividades realizadas são compartilhados pelos professores e alunos, ambos atuando como responsáveis pelo processo de ensino-aprendizado. O professor deixa de ser o centro do processo educativo, colocando-se como um parceiro que, embora detenha um conhecimento maior acerca do tema, buscará o diálogo, a dialética e as relações entre as diversas esferas envolvidas (Nassif et. al, 2009).

“Eu trabalho muito com parceria, ou seja, eu vejo como uma mediação, então eu só chego no aluno se ele permitir, e ele só chega em mim nessa lógica de autonomia, com o avanço, e se ele compreender a proposta da aula. E essa proposta não é fechada, ela sempre muda. Eu vejo como um conjunto, e isso eu coloco inclusive na apresentação do plano de ensino para os alunos, no primeiro dia de aula, colocando que a nossa relação é uma espécie de pacto, e que só vai funcionar bem se progredirmos juntos.” (E11)

A vocação para a docência também aparece nos relatos dos professores. Investigando historicamente visões antagônicas da docência enquanto profissão e enquanto vocação, Buijs (2005, p. 342) entende que as duas abordagens podem coexistir no professor e que o desafio é “por um lado, elevar a vocação docente com os valores do status profissional e, por outro, imbuir a profissão docente com os valores de uma vocação”. Rabelo (2010) destaca que a vocação e o gosto pela educação por parte dos professores são fundamentais para o desenvolvimento das relações positivas ou negativas que depois os alunos estabelecem com o conhecimento e com outros valores relacionados à aprendizagem.

“Porque não dá para fazer de conta ali que você está ensinando e os alunos estão aprendendo, e depois aquilo não teve sentido nenhum, não teve resultado nenhum. E acho que um ponto fundamental seria cada professor conhecer a si mesmo. E se desenvolver no seu melhor. Porque senão, fica faltando um pedaço que é muito importante. Porque é justamente desse estudo e desse conhecimento de si mesmo que depois você vai poder tocar ou trabalhar com outro. (...) E saber tocar e desenvolver o aspecto humano, o aspecto existencial é realmente um grande diferencial. E aqui entra o aspecto da vocação para ser professor.” (E12)

4.3 Novas metodologias e práticas pedagógicas

As particularidades da educação empreendedora têm levado os professores a adotarem diferentes práticas pedagógicas, tais como solucionar problemas, trabalhar e decidir sob pressão, estudar e copiar outros profissionais, aproveitar oportunidades do contexto, aprender com os próprios erros, realizar estudos de caso, visita a empresas, projetos desenvolvidos em grupos, criação de produtos, jogos e simulações, entre outros (Rocha & Freitas, 2014). Assim como esses exemplos, apareceram nas entrevistas realizadas com os professores diferentes práticas pedagógicas de caráter vivencial, interativo, cooperativo e dinâmico.

Os objetivos da educação empreendedora têm levado os professores a criar e adotar metodologias mais ativas de ensino-aprendizagem, capazes de transmitir não apenas conhecimentos teóricos, mas sobretudo desenvolver habilidades e competências transversais relacionadas à ação empreendedoras (Silva & Pena, 2017). Entre as estratégias pedagógicas utilizadas destaca-se a aprendizagem através da resolução de problemas e desafios.

“Posso usar o exemplo do Code Race, campeonato de programação organizado pelos alunos. O grupo organizador amadureceu bastante, inclusive na parte de relações humanas. Entre eles ocorreram alguns conflitos e eu fiquei acompanhando de longe, sem me envolver, eu deixei o grupo resolver os problemas. Eles brigaram, choraram, organizaram, discutiram, enfim. E ao final eles se superaram e o evento foi bem produtivo. Eles cresceram bastante, percebem que existem adversidades e que elas precisam ser superadas.” (E7)

Para que os resultados sejam mais exitosos, o processo de ensino-aprendizagem precisa também extrapolar os limites da sala de aula (Araújo & Davel, 2019). Nassif et al. (2009), ao investigarem a formação empreendedora, apontam para a necessidade de se fazer uma revisão nos projetos pedagógicos das instituições de ensino, a fim de contemplar novas metodologias e tecnologias e se fazer um alinhamento do que é ensinado em sala de aula com o que se aplica no dia-a-dia profissional. Para tanto, a aprendizagem não deve ser estimulada somente em sala de aula, mas deve oferecer, de forma mais ampla, uma visão do contexto social.

“Pegando por exemplo os projetos de disciplina, é uma forma de eles continuarem trabalhando ao longo da semana. A gente vai cobrando aula a aula, a cada duas semanas, e eles têm que continuar trabalhando ao longo das semanas, senão não entregam o resultado. (...) E você mantém o contato com a turma fora da sala de aula, através do Facebook ou WhatsApp. Fora isso, eu uso mais e-mail e os encontros durante a semana. Assim o processo formativo continua.” (E1)

Ao estudar a formação empreendedora, Dolabela e Fillion (2013) descrevem que as tensões entre a concepção inicial, a posterior implementação e realização dos projetos geram e mantêm nos empreendedores um alto nível de motivação e emoção, que auxiliam tanto a persistência quanto a capacidade de suportar as dificuldades e pressões inerentes à ação empreendedora. Nesse processo, a habilidade de aprender com os próprios erros torna ainda mais específica a construção do conhecimento empreendedor, visto que influencia não apenas na obtenção de conhecimentos, mas também na formação de si mesmo.

“Com quem falar, como falar, deixar errar... Errou, e daí? Eu às vezes costumo deixar eles soltos, sem saber o que fazer, para ver até que ponto eles conseguem se virar. (...) Então deixar eles errarem, deixar eles jogarem a culpa para outros também é uma estratégia. Porque daí você mostra: ‘naquele momento você não fez’, ‘aquela tarefa você não fez’, ‘ah, eu lhe dei mais uma chance para você escrever, não fez?’ Então... tudo é formação. Tudo é pedagogia.” (E3)

4.4 Educação centrada no aluno

Outra característica marcante verificada nas entrevistas com os docentes foi a função assumida pelos alunos no processo formativo. Em vez de se centrar no professor ou no ensino, a educação empreendedora é centrada no aluno, deixando de ser a transferência de conhecimentos e assumindo a função de instigar e criar possibilidades para a sua própria construção. O trecho transcrito a seguir exemplifica esse aspecto.

“Hoje, apesar de ter o planejamento das aulas, em geral as aulas não ocorrem do modo como eu planejei, pois a turma vai moldando a aula, eles vão me ensinando como eles querem ter aula. Outro ponto é o de saber dosar a medida psicológica da turma, o quanto você puxa e o quanto você solta.” (E10)

Além de adequar a formação ao momento, perfil e estágio de desenvolvimento de cada turma, como exemplificado no relato anterior, na educação empreendedora também o indivíduo é considerado. Para que ele assuma a responsabilidade de construir a própria estrada e fazer por si mesmo, segundo as suas possibilidades, é importante também conhecê-lo individualmente (Wazlawick et. al., 2017).

“O próximo aspecto seria desenvolver aquilo que o aluno tem como potencial, e o próprio potencial é uma das coisas mais difíceis de se descobrir, então eu vejo que as características comportamentais têm que ser desenvolvidas em uma perspectiva individual. Se o perfil do aluno é mais para comunicação, por exemplo, ele precisa identificar e compreender isso e desenvolver um comportamento que o leve a aproveitar essa potencialidade.” (E2)

Na educação empreendedora o aluno passa a assumir assim uma nova atitude e função. Por meio da aprendizagem experiencial, da resolução de problemas e desafios, e de processos contínuos de ação e reflexão pela experiência vivenciada, o aluno constantemente é incentivado a assumir responsabilidades e autodirigir a sua formação (Silva & Pena, 2017). Nesse processo, os alunos passam a desenvolver a própria autonomia, experimentar suas tendências, interesses e inclinações naturais.

“O que eu considero como prioridade no processo de ensino é que o aluno consiga aprender por si. (...) Eu raramente dou a resposta direto para eles. Eu vou conduzindo para que eles mesmos cheguem na resposta, e depois eu recapitulo a construção do raciocínio como um todo. Seja isso por atividades, dinâmicas em sala de aula ou seja isso pela própria discussão (...). Eu quero que o aluno vá chegando por si na construção do entendimento e chegue na resposta por si.” (E1)

4.5 Empreender como uma forma de ser, saber e fazer

Ao descrever o modo de entendimento e trabalho da docência, os professores entrevistados trouxeram em diferentes momentos aspectos que dizem respeito ao modo de ser, saber e fazer dos seus alunos. Dimensões relacionadas ao potencial natural de cada ser humano, à mentalidade empreendedora, como ela estrutura o modo de perceber e entender a si mesmo e o mundo a sua volta, e como, a partir dela, se passa à ação foram descritas e exemplificadas pelos professores.

Wazlawick (2016), ao investigar a formação empreendedora de jovens sob a perspectiva ontopsicológica, descreve as dimensões do ser, saber e fazer. O primeiro valor é a pessoa (ser), no sentido ontológico, ou seja, a identidade de natureza do indivíduo e que possibilita a sua realização. O segundo valor é o saber, relacionado ao processo de busca pelo conhecimento histórico, cultural e técnico. O terceiro valor é o fazer, que permite ao

indivíduo realizar-se por meio da prática operativa, atingindo gratificação e ampliação de si mesmo naquilo que faz e opera. Nassif, Hanashiro e Torres (2010) destacam que o ser educador necessita de flexibilidade para acompanhar as transformações na educação, na sociedade, na ciência e, como consequência, no ensino superior, de forma que promova um ensino de qualidade para o “saber fazer”, o “saber pensar”, o “saber ser”. O trecho a seguir exemplifica essa passagem.

“Trabalhar a dimensão existencial é a tarefa mais difícil. Ajudar a desenvolver aquilo que o aluno é por natureza. Eu vejo que se o professor está no seu ponto, se está em forma, se ele não está com a cabeça em outro lugar e está fazendo coerentemente aquilo que tem que fazer para a vida dele, para a sua atividade profissional, consegue realizar esse contato de dentro para dentro. Olhar de dentro, pesquisar de dentro o aluno, para tocar aquilo que é o real daquela pessoa.” (E12)

Conforme relatam os professores, trabalhar com o potencial natural do aluno a fim de desenvolver a sua identidade é uma das tarefas mais difíceis, mas fundamental na educação empreendedora. Giordani e Mendes (2011) ressaltam que todo ser humano tem como prioridade a busca pela compreensão da própria existência, e responder a perguntas ontológicas (quem sou, de onde vim, para onde vou, qual é o sentido da existência?) faz parte da natureza humana. Tendo a vida gerado a individuação humana com a faculdade da inteligência, é essencial encontrar e construir a existência história com base na própria identidade (Giordani & Mendes, 2011).

“E isso eu percebi em várias situações: o aluno fazendo o confronto dele com ele mesmo. Quando ele tem a possibilidade, e a humildade com ele mesmo, e faz esse confronto ‘tá, mas pera aí, e eu?’. É o confronto consigo mesmo. A primeira vez de parar e olhar para si. Porque a gente é educado só para fora. E esse jovens de hoje ainda mais. ‘Ei, e eu? O que eu quero? Qual minha responsabilidade nessa história toda? Aonde vou chegar? Aonde quero chegar? Qual o preço a pagar para isso?’” (E12)

A educação empreendedora busca, portanto, uma ampliação da própria visão de mundo e de si mesmo. Além dessas dimensões, Dolabela e Fillion (2013) elencam outros aspectos do modo de pensar e agir do indivíduo empreendedor, entre os quais a capacidade de produzir mudanças em si mesmo e no seu contexto, assumindo o papel de protagonista.

“Falando de uma visão de entender a pessoa como um protagonista responsável... Tudo o que você faz ou deixa de fazer é sua responsabilidade. (...) Eu vejo isso como uma coisa que vai reforçando e tendo uma reação em cadeia no sentido de que ele começa a agir depois para si mesmo no trabalho e na vida, com a família, na relação com a faculdade, enfim. É uma postura de responder em primeira pessoa.” (E12)

4.6 Resultados da educação empreendedora

Ao buscarem vencer desafios, resolver problemas, realizar desejos e projetos, os indivíduos empreendedores se lançam à ação, cometem erros, avaliam, reavaliam, transformam a si mesmos, e agem novamente. O indivíduos realizam assim um movimento dinâmico de autocriação, que implica em um desenvolvimento de si por meio de uma troca e modificação constante de componentes que caracterizam os seres-vivos – e sobretudo os mais jovens – na construção do próprio projeto (Dolabela & Fillion, 2013). Os resultados alcançados por esse processo ocorrem nas diferentes esferas dos indivíduos envolvidos,

identificados em vários relatos das entrevistas com os professores, como exemplifica o trecho a seguir.

“Eu penso que a capacidade crítica, em primeiro lugar, refletir com mais autonomia, questionar as coisas, não ficar só aceitando. Ver como é que pode fazer. Abrir a criatividade de fazer de um modo diferente, inovar dentro daquilo ali também. E se desafiar. Na verdade é um pouco a construção histórica da própria inteligência.” (E12)

Como a educação empreendedora é uma ação dialética e dialógica entre os alunos e professores, em que ambos aprendem, se desenvolvem e se transformam com o processo, também os docentes colhem resultados para si. Spanhol e Boer (2015), ao investigarem os significados e sentidos de professores que empreendem a carreira docente a partir da própria vocação, identificaram diferentes e amplos resultados colhidos pelos docentes.

“O impacto na minha vida profissional, e também pessoal, é muito grande. Porque eu vi que o crescimento da turma foi o resultado de uma chave minha que virou. Para você levar um indivíduo a um nível de maturidade, você tem que ser maduro antes. Então, mudanças pessoais tiveram que ser feitas para que eu pudesse levar aquela turma para um estágio maior. O impacto é direto, direto, pessoal.” (E3)

Os professores engajados com a educação empreendedora, portanto, devem buscar realizar um trabalho também sobre si próprios. O “profissional” professor e a sua “pessoa” na verdade constituem uma unidade e, como tal, “devem transmitir essa unidade no seu fazer, visto que o compromisso com a profissão de educador requer um profissional em constante novidade de ser” (Spanhol & Boer, 2015, p. 54). Essa realização pessoal e profissional pode ser observada nas falas dos professores ao saberem que tinham sido indicados pelos alunos na pesquisa informal.

“Eu fiquei muito feliz. Não tem como não ficar, porque o maior reconhecimento que o professor tem é o aluno. É como na empresa: o maior reconhecimento não é o pagamento do cliente, mas sim a felicidade dele, a satisfação dele em ver o produto funcionando bem. E na sala de aula é a mesma coisa, ou seja, o maior reconhecimento não é o salário que o professor recebe, mas a satisfação do aluno. Esse é o maior reconhecimento, isso é o que dá mais prazer ao trabalho, esse é o resultado que mais motiva.” (E6)

Com o objetivo de facilitar a visualização dos resultados encontrados em cada uma das categorias, criou-se uma sumarização dos resultados representada na Tabela 1.

Tabela 1. Categorias de análise identificadas na pesquisa e respectivos enfoques evidenciados

Natureza da educação empreendedora	Aprendizagem pela ação (aprender fazendo)
	Aprendizagem experiencial, contextual e colaborativa
	Aplicabilidade prática do conteúdo (elo entre ensino e mundo real)
	Formação integrada, transversal e interdisciplinar
O papel e função do professor	O professor como mediador, facilitador e catalisador
	Relação dialética e dialógica entre professor e aluno
	Abertura, envolvimento e disponibilidade no processo de ensino
	Vocação para a docência
Novas metodologias e práticas didático-pedagógicas	Técnicas pedagógicas vivenciais, interativas, cooperativas e dinâmicas
	Aprendizagem baseada em resolução de problemas e desafios
	Projetos, atividades e tarefas que extrapolam a sala de aula
	Erros como fonte de aprendizado
Educação centrada no aluno	Adequação da formação empreendedora para cada turma
	Conhecer o aluno individualmente
	A atitude e função do aluno
	Motivação do aluno para a educação empreendedora
Empreender como uma forma de ser, pensar e agir	Descoberta e reforço do potencial natural
	As dimensões do ser, saber e fazer no empreendedor
	Ampliação da visão de mundo e de si mesmo
	O protagonismo responsável
Resultados da educação empreendedora	Resultados da educação empreendedora para os alunos
	Resultados da educação empreendedora para os professores
	Crescimento mútuo, compartilhado e contínuo
	Realização como profissional e como pessoa

Fonte: Autores

5. Conclusões

O aprimoramento do espírito empreendedor tem sido colocado como prioritário nas agendas e debates nacionais e internacionais, haja vista a comprovada influência que o mesmo exerce no desenvolvimento social e econômico de uma nação. Nesse processo, a educação empreendedora tem sido apontada como uma das formas mais eficientes de se criar e difundir a cultura empreendedora e a formação de novos empreendedores. O interesse pela educação empreendedora cresceu significativamente na última década e pesquisas sobre o tema têm gerado novas formas de se pensar sobre o indivíduo empreendedor e meios de desenvolvê-lo, sendo as universidades apontadas como um ambiente propício para a criação e disseminação de uma cultura empreendedora de modo integrado, interdisciplinar e transversal. Esta pesquisa se

propôs a unir esforços nesse sentido, a fim de contribuir para um maior entendimento da educação empreendedora.

A IES investigada nesta pesquisa desenvolve ações e projetos de atividade empreendedora e os resultados obtidos junto aos seus professores e alunos corroboram com este escopo. Com base nos achados desta pesquisa, pode-se inferir que a educação empreendedora possui uma natureza e especificidades próprias que a diferenciam de modelos educacionais tradicionais adotados no ensino superior, privilegiando a educação pela ação, a aprendizagem experiencial, contextual e colaborativa, na qual os alunos aplicam o conhecimento em situações práticas e reais, buscando resolver problemas e demandas, e aproveitando oportunidades existentes (Lopes, 2010; Lima et. al., 2014a; Silva & Pena, 2017; Araújo & Davel, 2019). Essa formação ocorre de modo integrado, transversal e interdisciplinar, extrapolando os limites de uma única disciplina, e oportunizando o elo entre o processo de ensino-aprendizagem e o mundo real. Nessa proposta, o professor assume um novo papel, passando a atuar mais como um mediador ou catalisador do processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, são necessárias características específicas do docente, ligadas à formação e atuação profissional e prática de mercado, além de uma disponibilidade, abertura e envolvimento, visto que o processo de ensino-aprendizagem transcende os limites espaciais e temporais da sala de aula. Desenvolve-se assim uma relação dialética e dialógica entre os alunos e o professor, o qual deve estar baseado na própria vocação, a fim de que se desenvolvam relações positivas e valores relacionados à aprendizagem empreendedora (Nassif et. al, 2009; Dolabela & Filion, 2013; Lima et. al., 2015a).

Novas metodologias e práticas pedagógicas também são adotadas e desenvolvidas para a educação empreendedora, privilegiando metodologias ativas de ensino-aprendizagem, de cunho vivencial, interativo, cooperativo e dinâmico. Por meio de projetos, atividades e tarefas práticas, a aprendizagem se desenvolve baseada em resolução de problemas e desafios, e tanto os acertos e conquistas quanto os erros e fracassos se constituem como fontes de aprendizado (Rocha & Freitas, 2014; Silva & Pena, 2017; Araújo & Davel, 2019). A aprendizagem passa a ser assim centrada no aluno e os conteúdos e recursos didáticos não são mais padronizados e repetidos de turma a turma, mas sim escolhidos e adaptados para a necessidades e objetivos de cada grupo, partindo sempre do indivíduo aluno. Enquanto responsável pelo seu aprendizado e desenvolvimento, o aluno é motivado pela própria ambição, desejos e anseios que dizem respeito à sua pessoa e ao seu contexto (Silva & Pena, 2017; Wazlawick et. al., 2017).

Empreender torna-se então uma forma de ser, de saber e de fazer, com características de mentalidade (modo de pensar) e de comportamento (modo de agir) sendo desenvolvidas tanto nos alunos quanto nos professores, enquanto indivíduos empreendedores (modo de ser). Para que se atinjam esses resultados, é importante que o potencial natural de cada indivíduo seja reconhecido e continuamente reforçado. Ampliando a visão de mundo e de si mesmo, o aluno pode assumir uma postura de protagonista responsável diante das situações com que se depara, sendo vetor de transformação e evolução do seu contexto (Giordani & Mendes, 2011; Dolabela & Filion, 2013; Wazlawick, 2016).

Desse modo, a educação empreendedora gera resultados tanto nos alunos quanto nos professores, ao longo de todo o processo, por meio de um crescimento mútuo, contínuo e compartilhado. Como uma formação que desenvolve as dimensões do ser, saber e fazer empreendedor, tem como resultado o desenvolvimento de dimensões tanto pessoais quanto profissionais dos envolvidos, no sentido de que várias instâncias e características do indivíduo empreendedor são estimuladas e desenvolvidas de modo complementar e progressivo (Dolabela & Filion, 2013; Spanhol & Boer, 2015).

Destacando ainda as percepções dos docentes em relação ao universo pesquisado, ao término de cada entrevista, foi solicitado aos professores que resumissem a atividade docente

em três palavras. O vocábulo mais recorrente nas respostas foi “aprendizado”, seguido de “desafio”, “amor”, “prazer” e “vida”. Analisando essas percepções, pode-se inferir que a atividade docente, para os professores investigados, assume uma importante dimensão na própria vida. A carreira docente foi sempre marcada por estudos contínuos e diversificados, em busca de um saber como um reforço para os aspectos de cunho pessoal e profissional dos professores (Spanhol, 2013). Tendo como um dos principais resultados o “aprendizado” pessoal em uma atividade profissional que justamente se propõe a fazer com que o outro aprenda, reforça o que foi constatado ao longo da pesquisa em relação à particular natureza da educação empreendedora.

Na percepção dos professores investigados, o endereçamento da carreira profissional, a realização progressiva como pessoa e como profissional, um maior conhecimento de si mesmo, o desenvolvimento da liderança, a qualificação e diferenciação no mercado de trabalho e a possibilidade de empreender o próprio negócio são resultados que podem ser alcançados por meio da educação empreendedora. Para isso os docentes envolvidos com ela devem assumir um novo papel no processo, desenvolvendo progressivamente também eles um comportamento e mentalidade empreendedoras.

Diante destes resultados, demonstra-se promissora a busca de maneiras de aperfeiçoamento da educação empreendedora de qualidade no ensino superior. As pesquisas sobre educação empreendedora têm crescido de modo significativo, buscando-se novos modos de se desenvolver o indivíduo empreendedor. Diante desses desafios, as universidades que buscam formar empreendedores passaram do antigo questionamento – “é possível ensinar empreendedorismo?” – para pesquisas sobre “o que ensinar, como ensinar e para quem ensinar?”. Nessa nova frente, há ainda grande espaço de entendimento e contribuição por meio de estudos teóricos e empíricos, não apenas para o desenvolvimento do conhecimento científico, mas também por sua grande aplicabilidade prática no contexto gerencial, econômico e social.

6. Referências bibliográficas

- Araujo, G., & Davel, E. (2019). Educação Empreendedora pela Experiência: O Caso do Festival de Artes Empreendedoras em Itabaiana. *REGPEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 8(1), 176-200.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edição 70.
- Buijs, J. A. (2005). Teaching: profession or vocation. *Catholic Education: A Journal of Inquiry and Practice*, 8(3), 326-345.
- Dolabela, F. & Fillion, L. J. (2013). Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 3(2), 134-181.
- Duarte, L. S., Debona, M. & Perini, R. L. (2018) Perfil empreendedor do acadêmico do centro de negócios do Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG). *Revista Global Manager Acadêmica*, 7(1), 576-599.
- Fillion, L. J. & Lima, E. (2010). As representações empreendedoras: importantes temas para avançar em seus estudos. *Revista de Negócios*, 15(2), 32-52.

Giordani, E. M. & Mendes, A. M. M. (2011). Pedagogia ontopsicológica na orientação do estágio dos anos iniciais do ensino fundamental. *Nuances: estudos sobre educação*, 20(21), 43-62.

Guerra, M. J. & Grazzotin, Z. J. (2010). Educação empreendedora nas universidades brasileiras. In: Lopes, R. M. A. (Org.). *Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE.

Guaranys, L. R.. (2010). Universidade empreendedora: conceito em evolução, universidade em transformação. In: Lopes, R. M. A. (Org.). *Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE.

Henrique, D. C. & Cunha, S. K. (2008). Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. *RAM – Revista de Administração Mackenzie*, 9(5), 112-136.

Lima, E., Nassif, V. M. J., Lopes, R. M. A. & Silva, D. (2014b). Educação Superior em Empreendedorismo e Intenções Empreendedoras dos Estudantes – Relatório do Estudo GUESSS Brasil. *Caderno de pesquisa*, n. 2014-03. São Paulo: Grupo APOE.

Lima, E., Hashimoto, M., Melhado, J. & Rocha, R. (2014a). Brasil: em busca de uma educação superior em empreendedorismo de qualidade. In: Gimenez, F. A. P. et. al. (org.) *Educação para o empreendedorismo*. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR.

Lima, E., Lopes, R. M. A., Nassif, V. M. J. & Silva, D. (2015a). Opportunities to improve entrepreneurship education: contributions considering Brazilian Challenges. *Journal of Small Business Management*, 53(4), 1033-1050.

Lima, E., Lopes, R. M. A., Nassif, V. M. J. & Silva, D. (2015b). Ser seu Próprio Patrão? Aperfeiçoando-se a educação superior em empreendedorismo. *RAC*, 19(4), 419-439.

Lopes, R. M. A. (2010). *Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Mendes, M. T. T. (2011). *Educação Empreendedora: uma visão holística do empreendedorismo na educação*. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal.

Minayo, M. C. S. & Costa, A. P. (2018). Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40(40), 139-153.

Nabi, G., Walmsley, A., Linan, F., Akhtar, I. & Neame, C. (2018). Does entrepreneurship education in the first year of higher education develop entrepreneurial intentions? The role of learning and inspiration. *Studies in Higher Education*, 43(3), 452-467.

Nassif, V. M. J., Hanashiro, D. M. M. & Torres, R. R. (2010). Fatores que influenciam na percepção das competências para o exercício da docência. *Revista Brasileira de Educação*, 15(44), 364-379.

Nassif, V., Amaral, D., Pinto, C.; Soares, M. & Pando, R. A. (2009). Formação empreendedora: aspectos convergentes e divergentes sob a ótica de alunos, professores, pais e empreendedores. *ANGRAD*, 10(2), 73-96.

Rabelo, A. O. (2010). “Eu gosto de ser professor e gosto de crianças” - A escolha profissional

- dos homens pela docência na escola primária. *Revista Lusófona de Educação*, (15), 163-173.
- Rocha, E. L. C. & Freitas, A. A. F. (2014). Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor. *RAC*, 18(4), 465-486.
- Schaefer, R. & Minello I. F. (2016). Educação Empreendedora: Premissas, Objetivos e Metodologias. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 10(3), 60-81.
- Schaefer, R. & Minello I. F. (2017). A Formação de Novos Empreendedores: Natureza da Aprendizagem e Educação Empreendedoras. *Revista da Micro e Pequena Empresa - FACCAMP*, 11, 2-20.
- Schaefer, R.; Minello I. F. (2019). Entrepreneurial education: entrepreneurial mindset and behavior in undergraduate students and professors. *Revista de Negócios*, 24(2), 61-90.
- Silva, J. F. & Pena, R. P. M. (2017). O “be-á-bá” do ensino do empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(2), 372-401.
- Spanhol, C. I. A. & Boer, N. (2015). Método Ontopsicológico: contribuições à formação continuada na perspectiva de professores do ensino superior. *Saber Humano*, 5(7), 53-69.
- Triviños, A. N. S. (2008). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Wazlawick, P. (2016). Pensiero filosofico della Cultura Umanistica come presupposto alla Pedagogia Ontopsicologica: resultati del percorso formativo dei giovani nell'educazione universitaria. *Saber Humano*, 6(8), 29-71.
- Wazlawick, P., Schaefer, R., Volkova, E., Dmitrieva, V., Vereitnova, T. & Mikhalyuk, O. (2017). Para a definição do conceito de socialização positiva de jovens. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(2), 78-100.